



LAVOURAS MECANIZADAS

O USO DE MÁQUINAS OTIMIZA A PRODUÇÃO. ATÉ PEQUENOS PROPRIETÁRIOS RURAIS ESTÃO INVESTINDO NA COMPRA DE MODERNOS EQUIPAMENTOS



CHRISTIAN KNEPPER

São as pequenas e médias propriedades rurais que mais precisam de mão-de-obra especializada

O setor agrário brasileiro passa por um momento de expectativa. O aumento da renda permitiu que em 2004 indústrias e, principalmente, produtores rurais investissem na produção. Agora é o momento de colher o que foi plantado no ano passado. “Com isso espera-se também um aumento no número de empregos”, afirma o professor Walter Rogério Diesel, coordenador da graduação em ciências agrárias da Universidade Salgado Filho, em Goiânia (GO). As áreas que mais têm se destacado são as de gerenciamento e de máquinas e equipamentos agrícolas.

MERCADO MUNDIAL

Apesar de as indústrias fazerem grandes contratações, são as pequenas e médias propriedades rurais que mais demandam mão-de-obra especializada. Visando à exportação de grãos como soja, milho e café, esses novos empresários precisam acelerar e profissionalizar sua produção. Contratar especialistas em administração rural, que entendam de regras de comércio internacional, é fundamental. Da mesma forma, é importante investir em técnicas e equipamentos para aumentar a produtividade e em métodos de armazenagem e transporte dos grãos. O desperdício nessa etapa, com a carga alta de impostos, é um dos principais fatores que elevam o preço final dos produtos. Só para ter idéia, no Brasil as perdas chegam a 15% da produção, enquanto nos Estados Unidos não passa de 4%.

Nesse cenário, os proprietários têm investido bastante na compra de máquinas e equipamentos que otimizem a produção, desde a preparação do solo, o plantio, a colheita até o controle de ervas daninhas. Apesar de não contratarem diretamente engenheiros agrícolas, essas minifazendas contam com o apoio desses profissionais o tempo todo. Na maioria das vezes, eles são empregados por fabricantes de máquinas e agem como parceiro

do produtor. “O engenheiro agrícola orienta a venda, visita as terras, avalia quais as necessidades e indica para o proprietário os equipamentos mais apropriados para suas necessidades”, explica o professor Nilson Salvador, chefe do departamento de engenharia agrícola da Universidade Federal de Lavras, em Minas Gerais. “Também são experts para identificar problemas na produção e apresentar soluções”, completa Salvador.

De toda a safra de grãos colhida no país, 25% vêm do Paraná, o que torna o estado o maior empregador de profissionais do setor agrário. Mas há outras regiões em que o engenheiro agrícola vem ganhando destaque. O sul de Minas Gerais, por exemplo. “Não há grandes indústrias, mas, sim, pequenos produtores que geram uma demanda muito boa”, afirma o professor Salvador. No setor agropecuário, as vagas se concentram nas regiões Centro-Oeste e Sul.

CIÊNCIA AGRÁRIA COM ENGENHARIA

As aulas nos cursos de engenharia agrícola são um misto de ciências agrárias com engenharia. Assim, desde o primeiro ano, o aluno tem o embasamento teórico das duas áreas. Aprendem-se matemática, física, química e informática e também geologia, biologia, irrigação e drenagem, entre outras. Aos poucos, essas disciplinas vão sendo substituídas por aquelas mais específicas. A partir do terceiro ano, é o momento de conhecer produção agrícola, planejamento e administração, tecnologia de pós-colheita, sistemas de produção animal e vegetal e sistemas mecanizados. Inclusive, essa parte de máquinas e equipamentos ocupa boa parte da carga horária.

Em algumas escolas, o currículo é complementado com atividades fora da sala e estágios. Os alunos visitam indústrias, fazendas, revendas de máquinas a fim de se inteirar das novidades no setor. Os cursos duram, em média, cinco anos.

Mercado

ORGANIZAÇÃO PARA PRODUZIR

Um dos setores que mais cresce no país é o de cooperativas agrícolas. Trata-se de pequenos proprietários que se unem para conseguir, juntos, novos financiamentos, descontos na compra de matéria-prima, maiores preços de venda e ainda melhorar seu sistema de produção. “As cooperativas têm força para negociar. Isso ajudou muito a levantar o mercado”, afirma o professor Nilson Salvador. Como a produção de vários cooperados é unificada, eles conquistaram a oportunidade de abastecer grandes indústrias, como a Sadia e a Perdigão. Na Região Sul, principalmente no Paraná, esse tipo de organização é bastante comum. “A tendência é crescer ainda mais”, acrescenta Salvador. São Paulo e Minas Gerais já entenderam o recado e estão se organizando para produzir dessa forma, mais e melhor.

Mapa do emprego



- **Sudeste:** São Paulo e Minas Gerais
- **Sul:** Paraná e Santa Catarina
- **Nordeste:** Bahia
- **Centro-Oeste:** Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul